

EM PARIS—MUDANÇA DE TOILETTE



Aqui me tem o leitor o mais «barata loira» que é possível, e o mais *voyou* que se pôde arranjar. Vacillo em qual dos trajos me devo apresentar no Chiado. Vou consultar a comissão da arte ornamental.

TRISTIS ATQUE «HINTZE»
EST ANIMA NOSTRA

Os boatos políticos d'esta semana circularam especialmente em torno do sr. Hintze Ribeiro,—o que naturalmente nos leva a erguermos por um momento os olhos para esse interessante vulto politico.

O sr. Hintze é—como todos sabem—o homem serio, cujo destino sobre o planeta que habitamos está já hoje assaz estudado para que se saiba com certeza qual não é a especialidade de sua excellencia.

Sua excellencia não é para graças.

Sua vocação é a bella melancolia.

A tristeza de Young, comparada com a d'elle, parece uma farça de Labiche. Lacoonte enroscado por serpentes tem uma expressão de dôr infinitamente mais jocosa que a d'este joven enroscado por grã-cruzes. Se puzermos a uma parte Hintze com a sua pasta, e puzermos a outra parte a viuva luctuosa com o seu orphão desvalido, quem faz rir é a viuva. Visto ao pé de Hintze, Job é um patusco, Jeremias é um pandigo, e Schopenhauer apresenta-se-nos tão galhofeiro como o proprio sr. Luiz de Araujo. O simples aspecto de Hintze é por tal modo misanthropitante que a sua presença basta para infundir a ictericia. Os risos murcham sob o seu olhar assim como emurchecia a herva sob as patas do cavallo d'Attila; e as nodoas de melancolia bem como os engorgtamentos do figado desabrochavam por toda a parte em torno d'este varão e cobriam o mundo de lagrimas, de cortinas de veludilho preto com galões de prata, de alfinetes de defunto e de pingos de tocha, se a natureza próspera ao mesmo tempo a que por um lado nos deu Hintze como flagello, por outro lado nos não houvesse dado a jalapa como linitivo.

Na sua qualidade de philosopho, o sr. Hintze, tem tido sempre no meio dos problemas da sciencia moderna este ponto de vista luminoso: passar adeante do sr. Julio de Vilhena. A sua vida toda tem sido um *steeple-chase* heroico, começado com o alludido intuito nas sabatinas da Universidade e prolongado na sociedade até as sabatinas de S. Bento.

Até agora o sr. Vilhena tem chegado sempre primeiro, mas o sr. Hintze tem-o seguido de perto, á distancia apenas de uma ou duas cabeças... de bacharel. Quando o sr. Vilhena tinha o primeiro premio em Coimbra, o sr. Hintze tinha o segundo, e quando o sr. Vilhena publicou um livro sobre a ethnologia da Peninsula o sr. Hintze chegou a estender na defeza de uma these o seu professor João da Machina.

Como vencedor porém o sr. Julio de Vilhena era obrigado a correr de cada vez com um maior augmento de peso sobre si, e tanto chumbo meteu na algibeira que chegou finalmente a não ser mais que um pobre ministro depois de haver sido um distincto escriptor.

A nora do constitucionalismo continua o sr. Hintze a manter no chouto da emulação o mesmo ardor que o distinguia na atafona da Universidade.

Agora o que consta é que o sr. Fontes pensa em descartar-se do sr. Hintze, o qual, segundo se diz sahirá do ministerio um d'estes dias.

Nossa imaginação recusa-se a pintar-nos, o que virá a ser tal homem se o desgosto que pensam em dar-lhe o vier a tornar ainda mais triste do que elle é! Avisem antes de o entristecerem mais para nós nos retirarmos da scena. Preferimos emigrar a ter de o ver,—hintzssimo!

O DESACATO

Por ocasião de receberem a communhão os alumnos de um dos collegios de Lisboa, um dos estudantes cuspiu no chão a sagrada particula que o sacerdote lhe ministrara.

O pedagogo e a mãe do alumno que desacatou o templo vieram cada um por seu lado ás redacções dos jornaes explicar o caso aos noticiaristas.

Segundo o mestre, o joven reprobado é um pequeno hereje malcreado, devidamente punido desde já com a expulsão do rebanho orthodoxo a que pertencia na qualidade de rez pensionista e semi-interna.

Segundo a mãe, o precitosinho é apenas um innocente bronchitico e um irresponsavel dyspeptico com ataques repentinos de tosse e de cuspínheira.

* * *

Temos portanto que distinguir entre estas duas coisas diversas:

O menino é doente ou não é doente?

Se o menino é doente, diremos que é o director do collegio quem tem a culpa do desacato.

Se o menino não é doente, diremos então que quem tem a culpa do desacato, é o director do collegio.

Como doente, o director do collegio deveria mandar tratar o seu alumno pela therapeutica e não pela eucharistia. Todo o pedagogo tem obrigação de saber que nas dyspesias a communhão, em virtude da composição chimica da hostia, é absolutamente contraindicada pela sciencia.

Como são, o director do collegio deveria não ter levado á desobriga um alumno que, segundo vemos, se não achava convenientemente habilitado para comparecer com decencia em tal acto.

* * *

Hão de nos desculpar se insistimos um pouco sobre esta materia, mas realmente trata-se d'um caso que póde vir a estabelecer precedente, e

que precisa de ser raciocinado.

Então que nova cantiga vem a ser esta agora de nos expulsarem dos collegios os nossos filhos quando os snrs directores entendem que elles são mais impios ou mais mal creados do que é preciso para os creditos da sôpa a tanto por cabeça em que esses senhores negociam?

Os collegios, segundo rezam os respectivos programmas, são estabelecimentos de educação *litteraria civil e religiosa*. Não dizem lá os directores que dão religião? Com que direito pois se corrige assim com a pena publica de uma expulsão infamante um alumno cuja culpa consiste unicamente em não ter aquillo que os snrs. directores se obrigaram a dar-lhe?

Perante a responsabilidade da direcção pedagogica cuspir a hostia na egreja é um facto perfeitamente analogo ao de dizer asneiras n'um exame do Lyceu. N'um e n'outro caso temos falta de habilitação.

Se, depois das provas feitas, se vem a reconhecer que o collegial se não achava apto para ir ao exame ou para ir á desobriga, o director do collegio o que tem de restituir á familia, em boa justiça, não é o alumno que não educou; é o dinheiro que recebeu da familia para o educar.

* * *

Sobre o periodico a *Nação* é que o facto a que alludimos parece haver produsido uma impressão mais dolorosa.

Este apreciavel jornal appareceu-nos em um dos seus ultimos numeros vestido de lucto. Perante os filetes pretos da *Nação* julgamos que tivesse morrido o Papa, que houvesse voado da republica dos vivos para regiões mais aristocraticas o ultimo dos descendentes do snr. D. Miguel de Bragança, ou que se não achasse bom de saúde o snr. Pinto Coelho. E informamo-nos sollicitos e pesarozos. Acabamos de saber, por um distribuidor que interrogámos, que a *Nação* estava simplesmente de lucto em signal de dôr pelo desacato feito á religião pela imprudencia do menino que foi com gosma para o tribunal da penitencia e para a meza eucharistica.

* * *

O PROGRESSO DECADENCIA



POLITICOS — Animas brancas andando ás arrecuas.

Para que a *Nação* se não sujeite a novos desgostos d'este genero e não gaste mais lagrimas em stylo e mais tinta em filetes, lembramos a conveniencia de fazer honrar a religião, dando-lhe na sociedade o logar que legitimamente lhe

compete, retirando-a ao estado, retirando-a á carta, retirando-a á escola, retirando-a á caserna, e restituindo-a á familia.

Emquanto os estudantes dos collegios e os soldados dos regimentos forem em cada quaresma, acompanhados pelos seus mestres ou pelos seus sargentos, commungar de sucia á egreja da freguezia, creia a *Nação* que não estará livre de derramar mais pranto e mais tinta sobre profanações do genero d'aquella pela qual n'esta occasião lhe enviamos o nosso sincero pesame.

As mães são as unicas pessoas que n'este mundo sabem ensinar um homem a ajoelhar-se com decencia nos degraus de um altar.

Porque o respeito á egreja não é um facto da disciplina, é um facto do sentimento, da crença e da tradição domestica.

Collocado ao lado de sua mãe, que simples e ingenuamente crê e resa de joelhos n'uma egreja, nunca homem nenhum teve jámais vontade de cuspir, por troça ou por doença, por má creação ou por gosma.

A religião não se aprende como se aprende a grammatica na escola ou como se aprende o exercicio militar no quartel.

A religião inspira-se ás consciencias pelo amor que só as mulheres sabem ter; não se encasqueta á força nas cabeças aos golpes de ferula ou aos golpes de junco que nos dão os mestres de meninos e os instructores de recrutas.

No presente estado das ideias, com a orientação geral dos espiritos na sociedade contemporanea, o desacato do culto religioso é unicamente o resultado da intervenção despotica dos poderes officiaes no regimen exclusivo das consciencias. Os partidos em religião acabaram ha muito tempo. Dentro da esphera da crença não ha hoje senão ou fideis ou indifferentes.

São apenas as escolas e as leis que, mettendo-se n'aquillo que não é da sua conta, de quando em quando fabricam ainda um heretico ou um sacrilego, artificial, para recreio da critica e para lucto da *Nação*.

AS FLORES EM LISBOA

O salão do theatro da Trindade acaba de offerrecer pela primeira vez á capital o espectáculo de uma exposição de camelias magnificas, de cujas variedades daremos ao leitor uma ideia mencionando alguns dos nomes que as distinguem.

Por exemplo:

Infante D. Augusto; Alfageme de Santarem; Chagas de Christo; Barão de Mogosfores; Frei Luiz de Sousa; Lembrança de Alexandre Herculano; Gil Vicente; Padeira de Aljubarrota.

Estes titulos estão mesmo a dizer o que são as camelias a que elles se referem. É como quem as estivesse a ver!

A *Snr. Infante*, — petalas de presilha e esporas, olho redondo e azul, folhas de espadão de cavallaria.

A *Padeira de Aljubarrota*, — farinhenta, um pouco abiscoitada.

A *Lembrança de Alexandre Herculano*, — folhas de pergaminho, salpicadas de latim e de azeite, com pé de monge de Cister sem alpargata.

A disposição d'essas flores, artisticamente collocadas em pequenos tinteiros, sobre carteiras de escriptorio, mostrou bem que decididamente somos uma população de burocratas.

Como jardins não conhecemos nenhum, além do snr. Luiz, da cabelleira, com flores de rhetorica e pomada.

Temos tambem pela primavera as boninas do snr. Eduardo Vidal em folhetim; e, n'um lago de tinta, fluctuando, um cysne — a senhora D. Guiomar Torrezão.

Em bucolismo, mais nada.

A unica flor que Lisboa cultiva com verdadeira arte, a unica que propriamente se pôde chamar a flor da cidade — hão de se desenganar d'isto — é o typho.

OS BONS JESUITAS

Em um substancioso artigo, piedosamente destinado a consolar a Companhia de Jesus do pontapé que o marquez de Pombal lhe applicou no logar que sabem, dá-nos a *Nação* a grata noticia de que Ravailac, o assassino de Henrique iv, e Jacques Clément, assassino de Henrique iii, não eram jesuitas.

Esta reivindicação historica é talvez inutil, porque toda a gente sabe que os jesuitas, podendo dispensar-se de assassinar elles mesmos, mandavam sempre assassinar por outros.

Balthasar Gerardo, por exemplo, tambem não era jesuita, era unicamente santo.

Depois de haver religiosamente assassinado com tres balas o grande e heroico principe de Orange, Guilherme o taciturno, Balthasar, que se tinha por um instrumento de Deus, e que de si mesmo dizia como Jesus *Ecce homo*, fez aos juizes as mais francas e as mais categoricas revelações sobre o modo como providencialmente fôra levado ao homicidio.

Antes de ir a Delft, onde habitava com sua mulher o heroe da emancipação e da liberdade da Hollanda, o assassino tinha ido a Malines aconselhar-se com os jesuitas.

Os reverendos padres acolheram Balthasar como um dom dos ceus. Agasalharam-o, acarinham-o, confessaram-o, sacramentaram-o e levaram a bondade até o ponto de o adietarem com os alimentos mais proprios para desenvolverem no cerebro o instinto sanguinario, — preciosa receita de aphrodisiação homicida, hoje talvez perdida pela dispersão da Companhia. Depois os padres deitaram-lhe a sua santa benção, promettendo-lhe a bemaventurança eterna e a celestial gloria dos martyres se elle morresse na empresa tendo assassinado Guilherme «em cumprimento dos seus deveres de bom catholico.»

Folgamos pois de poder declarar que sobre este ponto nos achamos em perfeita conformidade de ideias com o nosso beato collega da *Nação*.

Effectivamente os jesuitas não assassinaram nunca senão indirectamente.

Ha um crime de que devemos abster-nos de os accusar, porque elles eram completamente incapazes de o commetter: — o crime da coragem.

OS DESCENDENTES DO MARQUEZ

O snr. D. Antonio d'Almeida, um dos descendentes do marquez de Pombal, botou á *Palavra*, jornal portuense, um vigoroso protesto contra a celebração do centenario de seu avô o primeiro marquez de Pombal.

N'esse protesto, entre outras coisas de menos monta, affirma o snr. D. Antonio o seguinte:

Que entre os centenares de descendentes do snr. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal, não ha um que esteja fóra do redil de Pedro; e se todos não são santos, não ha um que seja atheu ou impio; graças a Deus!

Dá-se mais uma coisa que o snr. D. Antonio não diz, por modestia, na sua declaração, mas que nós devemos acrescentar em honra dos descendentes do marquez de Pombal, e vem a ser:

Que nenhum d'elles reedificou Lisboa, e antes pelo contrario deixaram cahir Oeiras.

— Onde é que se mettem toda a grande descendencia d'este heroe? — perguntava as vezes a historia inquieta, ao pensar no destino do snr. D. Antonio de Almeida e de seus primos. Sabemol-o agora pelo protesto de sua excellencia: Elles tem estado mettidos dentro do redil de Pedro. Julgavamol-os mais perto!



LISBOA EM PARIS



Nas Folies Bergère vê-se um elephante exhibindo as prendas que nós já conheciamos n um tigr da situação.

Amavel com as cocottes, solta ganidos em francez e estende a pata á gente com a delicadeza d'um quadrupede dado ao cultivo das violetas.